

Entrevistador – Dennis Oliveira¹

A segunda entrevista desta edição nº 4 da **Revista Fim do Mundo** é com um dos maiores ícones do movimento negro, **Milton Barbosa**, um dos fundadores e liderança do MNU (Movimento Negro Unificado). Em tempos que a liquidez do tempo apaga a história, gerando uma angustiante percepção de que tudo não sai do lugar, falar com uma histórica liderança como “Miltão” sempre é um aprendizado. Eu, particularmente, tive a honra de estar junto com ele em diversos momentos, como a construção da Marcha à Brasília de 1995, o processo preparatório para a Conferência de Combate ao Racismo em Durban em 2001, além de diversos outros eventos, em particular debates realizados pelo setorial de negros do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, categoria da qual ele teve papel importante na construção da sua organização desde os tempos em que ainda era associação.

Os meus pouco mais de 30 anos de militância no movimento negro, na qual destaco a fundação da seção paulista da União de Negros pela Igualdade (Unegro) em 1990 (ficando nesta entidade até 2005), participação no Movimento Pró-Cotas Raciais na USP e, em 2013, a fundação da Rede Antirracista Quilombação, é quase nada ante a rica história de “Miltão” que, ao lado de Hamilton Cardoso, Lélia Gonzales, Edna Rolland, Matilde Ribeiro formam o grupo de pessoas aos quais mais admiro na minha formação militante, independente das divergências de posições.

¹ Professor associado da Universidade de S. Paulo nos cursos de graduação em Jornalismo, pós-graduação em Mudança Social e Participação Política (Promuspp) e pós-graduação em Integração da América Latina (Prolam). Autor dos livros “A luta contra o racismo no Brasil” (Ed. Publisher, 2017), “Jornalismo e emancipação – uma prática jornalística baseada em Paulo Freire” (Appris, 2017) e “Iniciação ao estudos de jornalismo” (Abya Yala, 2020). Coordenador científico do CELACC (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação) da USP. Coordenador do GT Epistemologias decoloniais, territorialidades e cultura do CLACSO (Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales). Membro da Rede Antirracista Quilombação. | dennisol@usp.br



Milton Barbosa é membro cofundador do Movimento Negro Unificado – MNU, tendo presidido o ato de lançamento público da organização no dia 7 de julho nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo. Ato público não costuma ter presidente, mas neste foi necessário uma direção extremamente centralizada para se evitar as provocações da polícia em pleno Regime Militar que costumava criar condições para reprimir as manifestações. A juventude escolheu Milton Barbosa para dirigir a manifestação de fundamental importância para a população negra e que teria que ser vitoriosa, como foi.

Anteriormente à criação do MNU, Milton Barbosa foi chefe de ala no Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Vai-Vai, elaborou trabalhos culturais na Diretoria dessa Escola de Samba no período que vai de 1966 a 1980. Foi também militante do Centro Acadêmico Visconde de Cairú, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo – USP, no ano de 1974, diretor da Associação dos Funcionários do Metropolitano de São Paulo, a AEMESP (1978/79), que mais tarde se transformou em Sindicato dos Metroviários, tendo sido demitido junto com outros trabalhadores em 1979 pelo governo Maluf. Na categoria dos metroviários, criou o núcleo de negros dos metroviários e iniciaram discussão racial na Central Única dos Trabalhadores. Em 1982 fez parte do Diretório Regional do Partido dos Trabalhadores do Estado de São Paulo. Junto com Cloves de Castro, Flávio Carranza, Sônia Leite e outros/as criaram a primeira Comissão de Negros do PT, na cidade de São Paulo, que mais tarde se espalharam em todo o país. Foi presidente de honra na Convenção Nacional do Negro em 1986 em Brasília – DF, de onde saíram as propostas de criminalização do racismo e da Resolução 68, que garantia título de posse das terras dos Remanescentes de Quilombos. Participou das executivas das marchas do 13 de maio de 1988, no Centenário da Abolição em São Paulo, de 20 de novembro de 1995, do Tricentenário da Morte de Zumbi dos Palmares em Brasília – DF – mais de 30 mil pessoas.

Nesta entrevista, “Miltão” reafirma seu posicionamento em defesa da autonomia e independência do movimento negro em relação a Governos e Partidos Políticos, faz uma síntese da rica trajetória do MNU e defende que o movimento negro deve se articular com os movimentos sociais e lutar por uma transformação radical da sociedade. Segundo ele, “para enfrentar o racismo, a discriminação racial, este movimento que se transformou no



Movimento Negro Unificado mudou a forma da população negra lutar, saindo das salas de debates e conferência, atividades lúdicas e esportivas, para ações de confronto aos atos de racismo e discriminação racial”.

No final dos anos 1970, quando houve a reorganização de vários movimentos sociais, como o sindical, estudantil, popular, a luta pela democratização e pelo fim da ditadura militar ganhou corpo, foi fundado o Movimento Unificado contra a Discriminação Racial em 1978 que depois seria rebatizado para MNU. Com isto, nesta arena da redemocratização do país, a agenda antirracista foi colocada na esfera pública da redemocratização. Entretanto, o que se observa é que muitas das reivindicações dos anos 1970, particularmente as referentes a violência policial contra a população negra permanece mesmo 35 anos após o fim do ciclo militar. A que você atribui isto?

Em 18 de junho de 1978 representantes de várias grupos se reuniram, em resposta à discriminação racial sofrida por quatro garotos do time infantil de voleibol do Clube de Regatas Tietê e a prisão, tortura e morte de Robison Silveira da Luz, trabalhador, pai de família, acusado de roubar frutas numa feira, sendo torturado no 44º Distrito Policial de Guaianases, vindo a falecer em consequência



às torturas. Representantes de atletas e artistas negros, entidades do movimento negro: Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN, Grupo Afro-Latino América, Associação Cultural Brasil Jovem, Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas – IBEA e Câmara de Comércio Afro-Brasileiro, representada pelo filho do Deputado Adalberto Camargo, decidiram pela criação de um Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial.

O ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT) afirma que na Constituinte de 1985/1988 houve avanços significativos na democratização em vários setores, exceto no tocante ao sistema de segurança pública. Você concorda com ele e considera que isto é um dos elementos que explica a manutenção da violência policial? E por que isto ocorreu?

O papel da Polícia na sociedade capitalista, é o de garantir a ordem social, a serviço das forças que representam os setores que dominam a sociedade. Historicamente ela já tem papel definido e não há leis

que se contraponham a essas ações. Deputados, governos, judiciário, grande imprensa, setor da educação, são subservientes ou coniventes com suas ações e não tem interesses em mudar a função que esta polícia exerce.

Há uma visibilidade maior da pauta antirracista hoje no Brasil. Até a mídia hegemônica, como a Globo, Folha de S. Paulo e outros veículos têm dado destaque aos protestos. Celebridades tem se posicionado quanto isto. Como você observa este aumento da visibilidade da pauta antirracista, é fruto da pressão do movimento negro, há também um certo oportunismo por parte destas mídias?

O movimento tirou proveito das divergências conjunturais, mesmo dos setores da burguesia. Exemplo, jornais burgueses como "Folha de São Paulo" e "O Estado de São Paulo". Articulamos, também, com mídia internacional, favoráveis ao fim da Ditadura Militar e outros setores. Definimos como princípio a aliança com os setores de esquerda no país que lutavam pelo socialismo e comunismo, pois foi o capitalismo que nos colocou nesta condição, nos sequestrando em África, nos vendendo para acumular mais valia, nos escravizando para

construir riqueza para os colonizadores, nos explorando , após a escravidão, como trabalhadores menos qualificados e de menor remuneração. O negro é um pioneiro em civilização, sendo nos países onde viveu ou vive um criador de cidades, núcleos comerciais, artísticos, sendo que no Brasil realizava desde os trabalhos da lavoura, até os mais sofisticados, como cuidar da mecânica do engenho de açúcar e da saúde do senhor de escravo pelo seu conhecimento milenar de ervas medicinais. Foram os negros escolhidos para serem escravizados, pela diferença física ao europeu e por seus profundos conhecimentos de agricultura e metalurgia (ferro – cobre – prata – ouro – diamantes). Em termos culturais os negros foram pioneiros. No período anterior à abolição da escravatura no Brasil, os negros eram as principais figuras na arte nobre (pintura – escultura – literatura – música – teatro). Na luta política o negro tem sido pioneiro na figura do Movimento Negro Unificado. No início da década de oitenta transformamos a ação do Movimento Feminista, introduzindo com Lélia Gonzales,



Vera Mara e outras, a questão da mulher negra, que sempre foi trabalhadora neste país. Também no início da década de oitenta, o MNU – SP em aliança com o Jornal Lampião e o Grupo Somos, realizamos ato público e passeata conjunta contra as ações do Delegado Wilson Richetti, que prendia negros, homossexuais e prostitutas de forma humilhante e desrespeitosa na região chamada Boca do Lixo de São Paulo – Zona de Meretrício e denunciámos o racismo, o machismo, desenvolvendo ações que sem dúvida são a base da política de diversidade hoje debatida em todo o país. Através dos congressos da SBPC – Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, o MNU denunciou o racismo na Educação, nos meios de comunicação e, no Congresso da Anistia introduzimos a discussão de que os presos comuns também são presos políticos, pois são empurrados para o crime pelas circunstâncias sociais, políticas e econômicas e, denunciámos a tortura nas prisões sobre os chamados presos comuns, base para a criação de uma política de direitos humanos contra a tortura no Brasil.

E quanto a articulação internacional do movimento negro brasileiro?

Foi o MNU que realizou as mais importantes ações contra o regime do Apartheid, aqui no Brasil, nas décadas de setenta e oitenta, décadas decisivas para a derrocada do criminoso regime racista da África do Sul. O ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, que permaneceu preso durante 27 anos sob o Apartheid, sempre teve a solidariedade do MNU. As condições de vida do negro brasileiro e sua história foram a base da criação do MNU, contudo os fatos internacionais tiveram grande influência para seu surgimento. Sem dúvida, a luta pelos Direitos Civis nos EUA, a trajetória de vida de Martin Luther King, a forte influência de Malcolm X sobre a juventude negra no mundo, a corajosa ação dos Panteras Negras marcaram fortemente os primeiros tempos do MNU. Fomos influenciados também pelas vigorosas lutas dos Movimentos de Libertação Nacional em África, realizadas por organizações como o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA) e o Partido da Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) e pela Frente de



Libertação de Moçambique (FRELIMO), dentre outras. Ouvíamos com muito respeito os comentários sobre Patrice Lumumba, Kwami N’Krumah, Amílcar Cabral, Mondlane, Agostinho Neto, Samora Machel. Fomos bastante influenciados também pelo Pan-Africanismo, que se expandiu mundialmente através de Congressos, principalmente, na própria Europa, nos tornando conhecidas figuras como Leopoldo Senghor, Du Bois, Aimée Cesaire, Whoole Soinka e outros.

Há um nítido avanço do nazifascismo no mundo todo. O racismo recrudescer em quase todos os países. Você considera que é possível uma articulação internacional mais forte do movimento negro hoje para enfrentar esta onda?

Negros e negras em todo o mundo estão enfrentando o racismo, num patamar que não mais serão contidos, e nós do MNU contribuimos já desde a nossa criação através das nossas ações e criando documentos fundamentais como nossa Carta de Princípios.

Como avalia a crescente produção dos jovens intelectuais negros e negras oriundos das universidades, particularmente após a implantação das

ações afirmativas? Considera que vivemos um momento de florescer um novo pensamento crítico negro no Brasil?

Já desde as ações da Frente Negra Brasileira na década de trinta, o Jornal "O Clarim da Alvorada" do mesmo período de O Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento, O Teatro Popular de Solano Trindade, nas décadas de cinquenta e sessenta, sempre houve uma grande preocupação sobre a origem e presença da população negra no Brasil, de onde e como veio para o Brasil, e a sua trajetória na área do trabalho, da música, literatura, pintura, na participação política. A partir da criação do Movimento Negro Unificado e a realização do Ato Público ainda em plena Ditadura Militar, criam-se centenas de grupos em todo o país e novos Movimentos Negros: Agentes Pastorais Negros, Coordenação Nacional das Entidades Negras-CONEN, União de Negros Pela Igualdade-UNEGRO e outros, dando uma nova dinâmica à luta do negro contra o RACISMO e dos trabalhadores em geral contra a Opressão.

Nas periferias das grandes cidades, ao lado do recrudescimento dos mecanismos



de violência e genocídio, há também um crescente movimento de resistência por meio de coletivos de jovens negras e negros. Como vê estas formas de organização da juventude negra periférica nos dias atuais?

Para enfrentar o racismo, a discriminação racial, este movimento que se transformou no Movimento Negro Unificado, mudou a forma da população negra lutar, saindo das salas de debates e conferência, atividades lúdicas e esportivas, para ações de confronto aos atos de racismo e discriminação racial, elaborando panfletos e jornais, realizando atos públicos e criando núcleos organizados em associações recreativas, de moradores, categorias de trabalhadores, nas universidades públicas e privadas. Com certeza contribuimos para a ampliação da luta contra o racismo, nas periferias das grandes cidades e na interiorização do movimento nas áreas quilombolas, nas favelas, e outros tipos de concentrações de população negra.

Depois deste retrocesso político com a vitória da extrema-direita em 2018, considera que a chamada "esquerda" brasileira pode se abrir mais para a agenda antirracista? Como vê a batalha

de militantes negras e negros dentro dos partidos em busca de maior protagonismo?

Atualmente em função das ações desenvolvidas pelo movimento negro, há uma relação mais bem estruturada com setores do movimento articulando com as direções partidárias a fim de definir políticas de combate ao racismo conjuntamente, e formação de núcleos especializados para esse tipo de ação.

Hoje em dia há espaços nos partidos fruto de trabalhos sistemáticos realizados por setores significativos do movimento negro, que exigem que tais políticas sejam desenvolvidas. A extrema direita está forte no mundo, realizando suas ações que com certeza levará os setores progressistas no mundo, no Brasil, na América do Sul, na América do Norte, na Europa, nos países da África, e outras regiões, a reagirem e reestruturarem as ações progressistas, que derrotarão as forças reacionárias, como historicamente acontece no mundo, independente de época.



Quais as perspectivas para a luta antirracista no Brasil no curto e médio prazo na sua opinião?

A Violência Racial, projeto de Genocídio da População Negra, implantado pela burguesia branca e racista do país, continua sua ação sobre a população negra e pobre do Brasil. O genocídio da juventude negra no Brasil atingiu patamares superiores a de guerras de alta intensidade, como demonstra números da própria ONU. Ao longo destes anos temos arrancado conquistas através de nossa luta e buscado ampliar o leque de alianças, com a certeza de que nossa luta transformará o Brasil numa terra de igualdade e dignidade humana. Leis antirracistas, criação de espaços culturais para a população negra, respeito aos símbolos históricos e à religiosidade, investimentos em

projetos econômicos que diminua a desigualdade racial, ampliação e proliferação de territórios de vivência cultural e de conhecimento tradicional. A efetiva aplicação da Lei 10639/03 em todo o território nacional e a irradiação da obrigatoriedade do ensino da História da África para todos os povos. Exigimos a Retirada das Tropas do Haiti, país originário da única revolução de escravos vitoriosa na história da humanidade. É necessário unirmos toda a população negra do Brasil, das Américas, da África, e de todo o mundo. É necessário unirmos todos os oprimidos do mundo e implantarmos uma nova sociedade. Mas o mundo terá que reparar historicamente a população negra. E a Conferência de Durban em 2001 reafirmou este caminho. | FiM |

São Paulo, novembro de 2020

